

Ruínas Da Fortaleza De Cristóvão Jaques São Descobertas Em Itamaracá

O jovem pesquisador Marcos Albuquerque, da Divisão de Antropologia Tropical do Instituto de Ciências do Homem, da U.F.P., acaba de descobrir os restos da fortaleza-feitoria de Cristóvão Jaques, no fundo da entrada sul do canal de Itamaracá. A Divisão de Antropologia Tropical, que funciona no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, é dirigida pelo sociólogo Gilberto Freyre.

A comunicação dessa descoberta foi feita ao DIÁRIO ontem, pelo historiador José Antônio Gonçalves de Melo, diretor do Instituto de Ciências do Homem.

COLABORAÇÃO

Declarou, inicialmente, aquele historiador: "A arqueologia tem a prestar à História uma colaboração essencial no estudo dos períodos em que é rara ou inexistente a documentação escrita.

É este o caso da primeira fase da história brasileira, a do estabelecimento do homem português no litoral do nosso país. Desde 1930 que o Instituto Arqueológico havia localizado, à margem da entrada sul do canal de Itamaracá, do lado do continente, as ruínas de uma construção, que parecem ser de um reduto fortificado do século XVII; havia então, na superfície, considerável quantidade de pedras soltas.

A Divisão de Antropologia promoveu escavações no local, visando a identificar a área da fortaleza-feitoria de Cristóvão Jaques, que — frisou — não deveria estar distante daquelas ruínas, hoje desaparecidas, pois as pedras foram aproveitadas em casas de veraneio ali levantadas. Foram, porém, identificados os alicerces correspondentes às ruínas".

MARCOS ALBUQUERQUE

"Os trabalhos de descoberta, que foram conduzidos pelo jovem pesquisador Marcos Albuquerque, revelaram resultados surpreendentes. Aquêlpe pesquisador está preparando — disse José Antônio Gonçalves — uma comunicação sobre o assunto, que em breve será publicada. A êle cabe o mérito das pesquisas que foram realmente penosas, dadas as condições do local".

REVELAÇÕES

Informou José Antônio Gonçalves de Melo que as pesquisas "revelaram a existência, em níveis abaixo dos alicerces da referida construção — portanto, anteriores a ela — de grande quantidade de fragmentos de louça européia, talvez portuguesa, de boa qualidade, pintada à mão com tinta azul. Juntamente com ela foram encontrados fragmentos de cerâmica indígena da chamada "fase-tupi-guarani", tanto corrugada como excisa. Essa cerâmica indígena aumentava em quantidade, em relação à louça européia, à proporção que era aprofundada a escavação, que foi concluída ao se verificar a inexistência de vestígios arqueológicos nas camadas inferiores".

Acrescentou: "A quantidade de fragmentos de louça européia, ao que parece portuguesa, é considerável, o que permite supor que ocorreram naquêlpe lugar contactos prolongados entre indígenas e homens brancos. O lugar em que se verificaram êsses achados faz presumir que se tenha encontrado o sítio da fortaleza-feitoria levantada quer em 1516 ou em 1526, por Cristóvão Jaques. O local, no fundo da entrada sul do canal de Itamaracá, de onde se avistavam os navios que passavam pela zona costeira, era ponto ideal para situação de um estabelecimento desse gênero".

SÍTIO HISTÓRICO

Finalizou, dizendo:

"Embora não haja elementos históricos para indicação segura do sítio da fortaleza-feitoria de 1516, a que Cristóvão Jaques ocupava dez anos depois, em 1526, se não era no local daquela, estava documentadamente localizada no continente. É neste sentido o depoimento de Alonso de Santa Cruz. De qualquer modo, os achados revelam um ponto do litoral pernambucano, onde foram estabelecidos os contactos iniciais do colono português com as populações indígenas. A Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional neste Estado tornou aparentes, com a construção de um soco de alvenaria, os alicerces agora revelados, de forma a preservar para o futuro e para o conhecimento dos pernambucanos de hoje um dos sítios históricos mais antigos de Pernambuco".